

FACULDADE DA CIDADE DE MACEIÓ - FACIMA

JOSÉ RODRIGUES DOS SANTOS

O PROFESSOR QUE FAZ A DIFERENÇA

MACEIÓ – AL

2017

JOSÉ RODRIGUES DOS SANTOS

O PROFESSOR QUE FAZ A DIFERENÇA

Trabalho de conclusão de curso para obtenção do título de graduação em Pedagogia, apresentado à Faculdade de Maceió – FACIMA.

Orientadora: Eliane S. A. Correia

Maceió – AL

2017



**FACULDADE DA CIDADE DE MACEIÓ- FACIMA
CURSO DE PEDAGOGIA
2017**

JOSÉ RODRIGUES DOS SANTOS

O PROFESSOR QUE FAZ A DIFERENÇA

Artigo Científico é requisito parcial para obtenção da nota final do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Orientador(a): Eliane Silva Araújo Correia

Artigo Científico aprovado em / / _____.

**MACEIÓ-AL
2017**

O PROFESSOR QUE FAZ A DIFERENÇA

José Rodrigues dos Santos
joserodrigues1522@hotmail.com

Eliane Silva Araújo Correia
elianecorreia@hotmail.com

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo discutir sobre o Professor que faz toda diferença significativa na vida do aluno. O tópico um apresenta uma breve abordagem sobre as atribuições dessa profissão Professor. O segundo tópico aborda como o professor faz a diferença na atualidade, com ênfase na necessidade do professor estar atualizado e desenvolver possibilidades de aprendizagem para o aluno. A pesquisa está fundamentada em estudos de Freire (2002), Rego e Barros (2002) e Zabala (1998). O artigo busca evidenciar o professor como profissional, como o professor faz a diferença na atualidade, enfatizar que o profissional educador que faz a diferença especialmente na atualidade será visto como referencial, e isto enobrece o profissional educador.

Palavras chaves: Ensinar. Profissão professor. Ser criativo.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O objetivo deste artigo é enfatizar que o professor pode e deve fazer a diferença na vida do aluno, desde que reflita coesa e sistematicamente sobre sua metodologia de ensino, e sobre quais são os melhores e métodos que poderão levar o seu educando ao aprendizado.

O professor deve primar por utilizar métodos que façam o seu aluno a pensar e refletir, interagir na busca de encontrar formas de alcançar objetivos específicos para a solução e

demover dúvidas. Porém, o professor é aquele que está ali, compartilhando do problema, ainda que aparentemente esteja distante, e é claro que no momento oportuno fará o devido ajuste final com os seus alunos dirimindo-lhes às possíveis dúvidas.

O educador deve ser ético, coeso, crítico e autocrítico e bastante reflexivo sobre sua prática no contexto escolar/sala de aula. Procurando observar a importância da formação continuada, se inteirar na busca de compreender que seu aluno possui conhecimentos advindos da sua realidade social anterior e que estes conhecimentos não deverão serem subestimados por menos que se entenda que representem na ambiente acadêmico.

Segundo Paulo Freire (2002, p. 7), educadores e educandos não podemos, na verdade, escapar à rigurosidade ética. Mas, é preciso deixar claro que a ética de que falo não é a ética menor, restrita, do mercado, que se curva obediente aos interesses do lucro.

Com a aprovação das Diretrizes Curriculares para o Curso de Pedagogia que estão nos Pareceres do Conselho Nacional de Educação CNE/CP Nº 01/2006 e na Resolução CNE/CP Nº 01/2006, estes que normatizam a ampliação do campo de atuação do profissional pedagogo, uma perspectiva abalizada nos artigos 4º e 5º da Resolução CNE/CP Nº 01/2006, o texto destaca que é prerrogativas dos Cursos de Pedagogia a responsabilidade de garantir e articular entre os docentes e os gestores da educação à produção do conhecimento na área da educação. Exigindo portanto, novas e atualizadas práticas do profissional Pedagogo.

Ao referir-se de novas práticas pedagógicas, insere-se no texto e contexto, atualizações e conhecimentos tecnológicos principalmente dentro da interdisciplinaridade educacional especialmente citadas nas Diretrizes do Curso de Pedagogia, artigo 5º; VII, que trata de novos domínios do egresso do Curso de Pedagogia com o dever de atualização na prática profissional. O egresso do curso de Pedagogia deverá estar apto a: VII - relacionar as linguagens dos meios de comunicação à educação, nos processos didático-pedagógico, demonstrando domínio das tecnologias de informação e comunicação adequadas ao desenvolvimento de aprendizagens significativas.

É imprescindível que seja dotado de conhecimentos teóricos, dentro e fora contexto das disciplinas por ele ministradas. Dito isto, enfatizo que o aluno estudioso, atento, aquele que repassa e acompanha os conteúdos aplicados, e os que devem ser ministrados na sala de aula, logo perceberá quando o professor está fora do assunto, fora de sintonia e está falando de algo que não tem o conhecimento necessário para a ministração.

Vendo o professor por essa ótica, fica claro, que ele tem um papel social a cumprir, papel este, que se delimita a “provocar “conflitos intelectuais”, para que, na busca do equilíbrio, o aluno se desenvolva” (FREITAS, 2005, p. 95).

Portanto, a qualificação profissional adequadamente correta para a área de atuação pretendida, é extremamente imprescindível para que não haja atropelos nos desempenhos de funções rumo aos objetivos a serem alcançados. O educador é e deve mesmo ser um pesquisador atualizado, contumaz, e incessante no seu obstinado desejo de aprimoramento sistemático, ético e pedagógico.

Com a responsabilidade e o dever de educar, o profissional da educação não pode entender o educando como se este fosse “apenas o aluno”, mas, essencialmente como uma pessoa que está ali necessitada e diante do seu professor em quem confia que o educará de forma coesa, ética e responsável. Conforme enfatiza Fraiman (2013): “É fundamental comprometer-se a educar genuinamente e acreditar, de fato, nessa missão”. Consciente precisa ser o educador que, tudo o mais que fizer ainda é muito pouco frente a grande necessidade de ensinar cada vez mais e melhor.

É neste linear que não só o profissional pedagogo deve focar e ver como e quais são as melhores formas e maneiras de educar os nossos alunos, e neste linear está o entendimento, Segundo a doutora Fernanda Liberal, da PUC/SP, é preciso alguns cuidados.

“As teorias de ensino-aprendizagem são modelos, abstrações. Mas a prática não é uma simples reprodução de teorias. Esses modelos orientam, indicam um caminho, mas muitas escolas pautam sua atuação sem se ater a um único modelo... Passamos nossos conhecimentos e experiências, para os nossos educandos, isto de forma compartilhada e sistemática, entendendo sempre que somos alunos também e que absolutamente não há nada de errado em que eles nos vejam como alunos também”. (FERNANDA LIBERALI, 2013)

Assim sendo, não somos absolutos em ciências, saberes e verdades. Nem somos os detentores de um saber sobrenatural e nem inquestionável, não é isto. Estamos repassando para eles o conhecimento e as experiências em forma de ensinamentos compartilhados e disciplinares com o objetivo de torná-los cidadãos e cidadãs sábios e entendidos.

1.PROFISSÃO PROFESSOR

Quando olhamos para o professor como um profissional, frente aos muitos desafios que o espera em as salas de aulas, com alunos desconectados e descompromissados com o dever de estudar e aprender, em contra partida está as lamentáveis condição vivenciada por muitas escolas, fruto do descaso da maioria dos seus administradores, ainda assim conta-se com as demasiadas cobranças cada vez mais intensas na busca de resultados que atendam às necessidades, e encubra de certa forma o quase total abandono do erário para com o ensino público.

O professor exerce uma das mais importantes funções como educador, porém, atualmente sem à abnegação total jamais ele conseguirá bons êxitos como era antes, durante e por muito tempo depois das Reformas Pombalinas. É desta forma e maneira que eu entendo ser o trabalho do professor que é verdadeiramente comprometido com a profissão e com o compromisso social frente aos desafios do dia-a-dia. Entendido por este linear acredito ter sido por aptidão (vocação) e não por vislumbre salarial que somos professores e professoras. Entendo que o professor já nasceu professor, “apenas” passa por ensinamentos que o aperfeiçoa e o esmera em conhecimentos como educador-professor/professor-educador. Ser professor é ser efetivamente comprometido com o dever de aprender sempre, nisto compreende-se que o professor que não prima por se atualizar e aprender cada vez mais e melhor para ensinar aos educandos certamente não tardará a ser substituído por outro, este que seja comprometido com o conhecimento que esteja mais e melhor preparado. Como professores precisamos ser conscientes que somos alunos também. Segundo Paulo Freire (2002), em o seu livro *Pedagogia da Autonomia*, ele declara que é preciso aprender a ser coerente. De nada adianta o discurso competente se a ação pedagógica é impermeável à mudança. Diante dessa realidade, quando está em crise os saberes pedagógicos, vale ressaltar a importância da coerência entre os saberes que o professor construiu ao longo dos anos e sua prática pedagógica.

O professor deve ser aquele educador muito bem atualizado, “antenado” em tudo ou quase tudo o que esteja acontecendo no Brasil e no mundo hodierno, ter certeza que diante de tamanha responsabilidade se como tal ele parar de crescer em conhecimentos em sua área de atuação e nos mais diversos e possíveis, logo mais estará desatualizado e completamente obsoleto e fora de combate. Isto, inevitavelmente também o colocará fora da sala de aula.

Entendo que estamos na década e século dos supercomputadores, dos avanços tecnológicos dentro e fora das Empresas, das exigências do mercado de trabalho cada vez

maior por mão de obra especializadas, o mundo globalizado, bem como as grandes transformações nas escolas, assim como todas nas outras entidades instituições e organizações do nosso planeta terra, fazem parte deste grande contexto global de mudanças.

“Em toda a história da escolarização, nunca se exigiu tanto da escola e dos professores quanto nos últimos anos. Essa pressão é decorrente, em primeiro lugar, do desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação e, em segundo lugar, das rápidas transformações do processo de trabalho e de produção da cultura. A educação e o trabalho docente passaram então a ser considerados peças-chave na formação do novo profissional do mundo informatizado e globalizado.” (FREITAS, 2005).

E inegavelmente esta é a grande visão que tem sido notada e vivenciada já há alguns anos no cenário educacional. É desta forma que o pedagogo deve ver e entender e se portar no âmbito das suas atribuições como pedagogo. E acredito ser esta à, ou uma das linhas de pensamento dos demais colegas pedagogos, nas mais diversas áreas e modalidades do ensino público e privado, no ambiente escolar e não escolar, pois, estamos todos envolvidos neste gigantesco processo, precisamos dentro do nosso espaço comandar essas muitas mudanças, com conhecimentos, com ética, coerência e sabedoria, em vez de sermos levados erroneamente por algumas delas.

Ensinar, uma palavra simples, (ensinar), temos conhecido muitas pessoas que almejam ensinar, querem ser professor falar e estar à frente de uma classe com alunos para ensiná-los. E não, não é difícil querer ensinar, e muito menos querer ser professor, porém, antes de ensinar ou querer ser professor, precisamos ser devidamente capacitados buscar o conhecimento que capacitará a ensinar coesamente como professor e mestre. E isto não é algo muito fácil de adquirir. Saberes para ensinar com amor e ética fazendo com que o aluno aprenda e cresça ordenadamente como cidadão e cidadã. Nesse contexto, Fraiman enfatiza que:

O principal fator a trabalhar é a autogestão do docente. Em geral, o professor é um especialista na sua matéria, aprendeu a ensinar na prática e não teve aulas sobre carisma, motivação, liderança, criatividade, inovação, mediação de conflitos, comunicação em público. Além disso, não adianta estar na escola e não ter flexibilidade, dar aula de qualquer jeito, não querer mudar. O professor precisa dar as aulas da maneira que funciona. (FRAIMAN, 2013, p.232)

A descoberta do conhecimento é algo splendidamente espetacular, não só para a criança, mas, para o adolescente o jovem o adulto e até mesmo para o ancião. É um vislumbre que nos traz uma segurança indescritível, e é claro que neste contexto está centrada a atuação

do professor como o indispensável mediador e facilitador no universo da criatividade e do ensino-aprendizado relevante, sadio, ético e muito bem coordenado.

A criança é criativa e precisa de matéria-prima sadia, e com beleza, para organizar seu “mundo mágico”, seu universo possível, onde ela é dona absoluta: constrói e destrói. Constrói e cria, realizando tudo o que ela deseja. A imaginação bem motivada é uma fonte de libertação, com riqueza. É uma forma de conquista de liberdade, que produzirá bons frutos, como a terra agreste, que se aduba e enriquece, produz frutos sazonados. (CARVALHO, 1989, p.21)

É importante dizer que o professor pode fazer a diferença significativa na sala de aula, não só ministrando o conteúdo de suas aulas periódicas, mas fazendo uma análise reflexiva para alguns possíveis excessos por parte de alunos desatentos a ministração, bem como: déficit de atenção; dificuldade de aprendizagem, que busque qual deve ser a metodologia que melhor possa se adequar com as necessidades apresentadas pelos seus educandos, e que não apenas aplique o conteúdo das disciplinas, mas que seja dinâmica em suas atividades multidisciplinares para que o seu aluno aprenda, se desenvolva e cresça sistematicamente.

É preciso insistir que tudo quanto fazemos em aula, por menor que seja, incide em maior ou menor grau na formação de nossos alunos. A maneira de organizar a aula, o tipo de incentivos, as expectativas que depositamos, os materiais que utilizamos, cada uma destas decisões veicula determinadas experiências educativas, e é possível que nem sempre estejam em consonância com o pensamento que temos a respeito do sentido e do papel que hoje em dia tem a educação (ZABALA, 1998, p. 29).

Antoni Zabala, vê a educação sob a responsabilidade do educador e o educador como o principal mentor desta e como sendo o facilitador, que é preciso mesmo uma maior e melhor, criatividade, incentivos, melhor forma de organização e incentivos dentre outras formas e maneiras de organizar as nossas aulas.

2.COMO O PROFESSOR FAZ A DIFERENÇA NA ATUALIDADE

Ser professor não é fácil, ser professor é ser visto e entendido como aquele que não pode e não tem o direito de errar. Todos indistintamente cobram o devido ajuste do professor, errou logo aparece alguém que o aponte, e cobre do professor pelo erro cometido.

O pedagogo aprende no ambiente acadêmico e em sala de aula que uma das incumbências do professor é criar possibilidades, criar condições adequadas à construção do

conhecimento. E criar possibilidades para a construção do conhecimento para muitos professores realmente não fácil, é algo quase impossível. Aliado a falta conhecimentos está a falta de habilidade no manuseio de equipamentos eletrônicos, por mais simples que seja o inábil professor não o sabe operar.

Esta mesma linha de pensamento, de que o professor deve criar possibilidades é uma das suas linhas de pensamento do Professor Paulo Freire (2002, p. 27), que em seu livro *Pedagogia da Autonomia*, enfatiza: ” ...Saber ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a própria produção ou a sua construção”.

O desânimo que lamentavelmente contaminou uma grande parte dos profissionais da educação seja isto pelo fator financeiro ou pelo próprio ambiente de trabalho que infelizmente na maioria das nossas escolas públicas com quase todos os tipos de limitações e precariedades, deixando o espaço escolar delimitado e inadequado à devida pratica pedagógica, enfim, muitas coisas podem concorrer para que os resultados negativos na educação escolar especialmente na esfera pública apareçam, e isto irá ficar muito mais evidente quando estes alunos resolvem concorrerem a uma vaga nas Universidades públicas através da prova do ENEM.

Quando pesquisamos no site os resultados obtidos no exame do ENEM, é de se entristecer pelos alunos das escolas públicas, observemos alguns dados no Ranking do MEC:

No grupo das dez melhores escolas no Enem - todas particulares - há uma característica comum a sete delas. Seus alunos não cursaram o ciclo de três anos lá. Na verdade, a maioria permaneceu apenas um ano nesses colégios. Como são fortemente voltados para o vestibular, atraem alunos justamente na véspera da grande prova. “Tornaram-se espécies de cursinhos, instituições focadas fundamentalmente no Enem. Ensinam macetes para o exame, dão dicas de como fazer um bom teste e, em geral, usam muito do marketing para angariar novos alunos”, explica o especialista Marcos Magalhães.

Outro ponto une algumas das escolas que vão bem. Elas recrutam os melhores estudantes com a promessa de ótimos resultados. Entre as dez primeiras no ranking atual, referente a 2015, aparecem dois exemplos contundentes dessa lógica. O Objetivo Integrado, em primeiríssimo lugar, e o Etapa III, em sétimo, ambos de São Paulo. Repare na palavra “Integrado”, no caso do Objetivo, e no número “III”, do Etapa. Significa que essas redes se desdobraram para atender os estudantes de alto rendimento em estruturas separadas. São essas que cravam o pódio.

O Objetivo Integrado costuma atrair bons estudantes inclusive de outras partes do Brasil, às vezes até lhes oferecendo bolsas. No primeiro ano do ensino médio, são abertas

turmas com aulas todos os dias, das 7h10 às 17h. Muitos não aguentam e ficam pelo meio do caminho. No fatídico ano de vestibular, contam-se uns 45 sobreviventes. “No horário da tarde, eles aprofundam os conhecimentos e chegam a aprender até matéria de universidade”, diz a coordenadora pedagógica Vera Lucia da Costa Antunes.

Das 100 primeiras escolas no ranking do MEC, como já era esperado, 97 são particulares e apenas três públicas – todas as três federais, instituições que recebem mais dinheiro e fazem estreita peneira para o ingresso. No grupo das 1000 melhores, 49 são públicas, resultado ainda pior do que o do ano anterior: no ranking de 2014, eram 93.

Outro fator que aproxima os colégios que encabeçam a lista é o elevado nível socioeconômico dos alunos. Isso não subtrai da escola o seu papel de empurrar os estudantes em direção a excelência, mas mostra que as que estão no topo têm uma clara vantagem: recebem estudantes egressos de ambientes mais favoráveis. “São jovens que foram mais estimulados desde a infância”, resume Marcos Magalhães. A clara desigualdade entre escolas – uma das maiores do planeta – fica evidente no levantamento. Na turma de cima, as médias ficam em torno de 700 (numa escala que vai a 1000); na de baixo, por volta de 450. É um mundo de conhecimento que uns têm e outros não.

Diante de muitos demonstrativos desanimadores, faz-se necessário entender mesmo, que o professor atual precisa ser muito criativo em sala de aula, que não se centre apenas em ministrar conteúdos disciplinares, precisa que este educador busque novas teorias e metodologias diversificando e com isto, despertando o interesse, melhorando, aumentando e aprimorando os níveis de conhecimentos dos seus alunos ao ensino-aprendizado consistente e atualizado, teórico, ético, sistemático e moderno. Isto, sem prejuízos do seu disciplinar. O professor especialmente do século XXI, não pode entender que o educando estuda apenas por estudar, que está na sala de aulas por ser apenas mais um.

” Há perguntas a serem feitas insistentemente por todos nós e que nos fazem ver a impossibilidade de estudar por estudar. De estudar descomprometidamente como se misteriosamente, de repente, nada tivéssemos que ver com o mundo, alheado de nós e nós dele. (FREIRE, 2005, p, 77).

Para que o professor supere os desafios e se supere com equilíbrio ético profissional, crítico-reflexivo e o necessário dinamismo, e que absolutamente jamais pare de ser excepcional pesquisador na busca de subsídios essencialmente teóricas que devidamente abalzem os conteúdos por este a serem ministrados aos seus educandos, com o firme objetivo a que eles cresçam. Inegavelmente existem muitas perguntas que por certo fiam e ficaram sem

as cabíveis respostas, estas por parte dos alunos e professores e é claro que as muitas indagações não se restringem apenas a estes.

Segundo, Rego e Melo (2002, p, 226 e 227), colocam entre as lições relevantes dos estudos sobre formação docente, tanto inicial como continuada, a necessidade de um sistema orgânico que supere o caráter pontual, assistemático e fragmentado dos eventos de curta duração e que estabeleça uma vinculação entre a formação e a realidade das escolas de educação básica, superando a distância que prevalece entre as agências formadoras, e os formadores que nelas atuam, e a realidade escolar. Há um consenso nos dias atuais, sobre a necessidade de se elevar o nível de desenvolvimento profissional dos professores integrando atualização teórico-científico e fortalecimento da prática profissional.

Inegavelmente que a gama de compromissos e deveres que são atribuídos ao professor na atualidade, em ter que primar por observâncias ético-sociais e suas epistemologias sem que este subestime os muitos conteúdos a serem ministrados aos seus educandos, certamente o deixa cada vez mais consciente do dever de se atualizar sempre, em pesquisas para com os assuntos de suas disciplinas bem como os em evidências no seu País de origem e no mundo. O professor que ensinava nos dias passados, no linear tradicionalista, por certo não se preocupava se decretos ou leis fossem elas qual fosse havia sido modificada, nada disto. A forma e o modelo de ensino continuava na mesma direção.

Na atualidade, o professor não tem o pseudo direito de subestimar o seu dever de atualizar-se devidamente, é o bastante observar que as mudanças são constantes no cenário educacional. Visto que de 1996 muitas mudanças aconteceram e tendem a serem aprimoradas de forma gradual e contínua.

Na organização do Estado brasileiro, a matéria educacional é conferida pela Lei nº 9.394/96, de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), aos diversos entes federativos: União, Distrito Federal, Estados e Municípios, sendo que a cada um deles compete organizar seu sistema de ensino, cabendo, ainda, à União a coordenação da política nacional de educação, articulando os diferentes níveis e sistemas e exercendo função normativa, redistributiva e supletiva (artigos 8º, 9º, 10 e 11). No tocante à Educação Básica, é relevante destacar que, entre as incumbências prescritas pela LDB aos Estados e ao Distrito Federal, está assegurar o Ensino Fundamental e oferecer, com prioridade, o Ensino Médio a todos que o demandarem. E ao Distrito Federal e aos Municípios cabe oferecer a Educação Infantil em Creches e Pré-Escolas, e, com prioridade, o Ensino Fundamental. Em que pese, entretanto, a

autonomia dada aos vários sistemas, a LDB, no inciso IV do seu artigo 9º, atribui à União estabelecer, em colaboração com os Estados, o Distrito Federal e os municípios, competências e diretrizes para a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio, que nortearão os currículos e seus conteúdos mínimos, de modo a assegurar formação básica comum.

A formulação de Diretrizes Curriculares Nacionais constitui, portanto, atribuição federal, que é exercida pelo Conselho Nacional de Educação (CNE), nos termos da LDB e da Lei nº 9.131/95, que o instituiu. Esta lei define, na alínea “c” do seu artigo 9º, entre as atribuições de sua Câmara de Educação Básica (CEB), deliberar sobre as Diretrizes Curriculares propostas pelo Ministério da Educação. Esta competência para definir as Diretrizes Curriculares Nacionais torna-as mandatórias para todos os sistemas. Ademais, atribui-lhe, entre outras, a responsabilidade de assegurar a participação da sociedade no aperfeiçoamento da educação nacional (artigo 7º da Lei nº 4.024/61, com redação dada pela Lei 8.131/95), razão pela qual as diretrizes constitutivas deste Parecer consideram o exame das avaliações por elas apresentadas, durante o processo de implementação da LDB. O sentido adotado neste Parecer para diretrizes está formulado na Resolução CNE/CEB nº 2/98, que as delimita como conjunto de definições doutrinárias sobre princípios, fundamentos e procedimentos na Educação Básica (...) que orientarão as escolas brasileiras dos sistemas de ensino, na organização, na articulação, no desenvolvimento e na avaliação de suas propostas pedagógicas. Por outro lado, a necessidade de definição de Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica está posta pela emergência da atualização das políticas educacionais que consubstanciem o direito de todo brasileiro à formação humana e cidadã e à formação profissional, na vivência e convivência em ambiente educativo. Têm estas Diretrizes por objetivos: I – sistematizar os princípios e diretrizes gerais da Educação Básica contidos na Constituição, na LDB e demais dispositivos legais, traduzindo-os em orientações que contribuam para assegurar a formação básica comum nacional, tendo como foco os sujeitos que dão vida ao currículo e à escola; 8 II – estimular a reflexão crítica e propositiva que deve subsidiar a formulação, execução e avaliação do projeto político-pedagógico da escola de Educação Básica; III – orientar os cursos de formação inicial e continuada de profissionais – docentes, técnicos, funcionários – da Educação Básica, os sistemas educativos dos diferentes entes federados e as escolas que os integram, indistintamente da rede a que pertençam.

Não há dúvidas que o processo de o professor se esmerar e criar e desenvolver dinâmicas e aprimorar o conteúdo a ser ministrado para uma melhor compreensão e elevo do

conhecimento do aluno, não é algo muito fácil ou simples, como o próprio Freire evidencia, (ensinar é criar possibilidades). E criar possibilidades, infelizmente para muitos professores é quase impossível.

O professor deve ser consciente que não é só aplicar conteúdos aplicar provas e avaliar o que o aluno aprendeu. Ele como professor precisa ser cuidadoso em não se esquecer de repassar e atualizar sempre os conteúdos a serem ministrados aos seus educandos. O educador não pode e não deve se dá o direito de não estudar, buscar o conhecimento com afinco e ser ao menos um bom pesquisador. Não há dúvidas que se o aluno houver estudado e se atento esteja ao ensino ministrado pelo seu professor, logo perceberá se o mesmo está falando de um assunto que realmente conhece ou se está fora de sintonia, apenas cumprindo o horário em sala de aula.

Esse tal “professor” é aquele que não buscou aprender, acha que já sabe tudo. Más, “simplesmente suas aulas é um cabedal de repetidas experiências vividas por outros”, ele mesmo não tem nada a acrescentar que transforme de forma positiva as vidas dos seus ouvintes, as suas aulas são sumariamente recheadas de caseira e enfado.

Enfaticamente falando, entendemos que a verdadeira função do professor não é ensinar, mas de uma forma objetiva criar as condições necessárias para que o aluno aprenda cada vez mais e se possível sozinho. Pois ensinar de fato não é só passar conhecimentos. É preciso que o professor estimule o seu aluno a buscar o ensino-aprendizado, consciente que também é responsável pelo seu próprio desenvolvimento dentro do que está precisando e querendo aprender. O fato é que, qualquer aluno interessado em se desenvolver e transformar sua vida através do ensino-aprendizado não pode se dá o desprazer de limitar-se ao aprendizado em sala de aula. Isto é, apenas com as explicações do seu professor por mais preciosas que sejam jamais será o suficiente.

Segundo Fraiman (2013), “uma parte essencial de nosso trabalho com os alunos consiste em apoiá-los na construção de uma visão de si mesmos, do mundo e do futuro que proporcione a eles mais saúde e determinação pessoal diante dos projetos de vida.”

O professor que deve estimular e dirigir de maneira coordenada os atos dos seus alunos para o ensino-aprendizagem, sobretudo, evitar “dizer” ou “fazer” para eles, dentro do plano de ensino o que é eles quem precisa fazer em busca do conhecimento. Em síntese, nesta difícil missão de facilitar para o aluno a sua aprendizagem o essencial é: Ensinar aos alunos a

pensar para encontrarem as respostas. Isto significa que absolutamente não devemos nos apressar para lhes dar as respostas isto é, ajudá-los a tirar as dúvidas, e sim, se couber fazermos mais perguntas em cima das perguntas. Esta é uma das vertentes metodológicas da didática e, portanto devemos usá-la sim.

Lembre-mos que Sócrates, conhecido que ficou como o “percussor” ou, o “pai” da filosofia não dava respostas, sobretudo que explicasse as perguntas dirigidas a ele pelos seus interlocutores e ouvintes. Porém, contudo, ele multiplicava a curiosidade dos seus interlocutores, fazendo outra pergunta em cima da que lhe haviam formulado isto sem, contudo, dar-lhes nenhuma resposta explicativa da pergunta a ele dirigida antes.

Mas devemos ter sempre o cuidado para não nos esquecer que como professores absolutamente não temos o direito de deixar que o nosso aluno fique sempre sem a necessária resposta. Ou até mesmo deixar sempre para trazer a resposta depois.

Outrossim, o educador não deve e não pode de forma alguma, querer barrar, suprimir, e frustrar a curiosidade do aluno, e sim estimular sua curiosidade na busca incessante e sistemática do conhecimento Pois isto poderá ser de fundamental relevância para desenvolvimento do aluno, e o incentivo por parte do professor para com a imaginação, intuição, senso investigativo, e criativo e a fins, em sua capacidade de ir um pouco mais além do seu horizonte, sempre com coerência e ética.

REFERÊNCIAS

BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica** Secretária de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. – Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013. Acessado em, 29/11/2017, às 08:11:56h;

CARVALHO, Fernando. **O mundo e as imagens** - um ensaio sobre a cultura e a experiência visual, (1989), disponível em: http://www.dad.puc-rio.br/dad11/arquivos_downloads/25.pdf. Data de acesso: 20/11/2017, 20:30h;

CARVALHO, Fernando. **O mundo e as imagens** - um ensaio sobre a cultura e a experiência visual, (1989), disponível em: http://www.dad.puc-rio.br/dad11/arquivos_downloads/25.pdf.
Data de acesso: 20/11/2017, 20:30h;

FRAIMAN, Leo (Org.). **Como ensinar bem as crianças e adolescentes de hoje: teoria e prática**. 1ª ed. São Paulo: Editora Esfera, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia** 31º Ed. Editora paz e terra 2005;

FREITAS, Lourival C. de Paulo. **Mudança e Inovações na Educação**, 2º Ed. São Paulo, Edicon 2005;

ZABALA, Antoni. **A prática educativa; como ensinar**. Trad. Ernane F. da F. Rosa. Porto Alegre. Artmed, 1998;